

**Título** O caminho dos limites  
**Data** 2011  
**Publicação** TASSINARI, A. *Nuno Ramos*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2011.

**Autor** Alberto Tassinari  
**Artista** Nuno Ramos

## O caminho dos limites

Alberto Tassinari

### 1

A obra de Nuno Ramos move-se, ao mesmo tempo, pela aceitação e negação dos limites da arte. Seus quadros sempre possuem um retângulo que suporta as operações que dele sobressaem. A aceitação da forma tradicional de um retângulo para as pinturas é, porém, negada pelo avanço das formas em direção ao espaço. Fosse apenas aceita, a forma retangular guardaria mais seu caráter plano. As operações ocorreriam próximas da superfície do anteparo que as segura. Mas o avanço das formas em direção ao espectador é de tal monta que o retângulo de base passa muitas vezes despercebido. Não seria o caso de aboli-lo? Mas se assim fosse, as formas brotariam direto da parede ou de outro suporte irregular, feito para a ocasião. Não haveria a negação, mas a supressão do suporte tradicional, e sobretudo não haveria o contraste entre as formas que saltam do quadro e sua feição tradicional. É desse contraste entre o que é ao mesmo tempo aceito e em parte negado que suas obras são em boa medida feitas. Contraste que encontra seu fundamento nos limites mesmo da arte, na sua descontinuidade em relação ao mundo. Pois um quadro não é o mundo, mas, antes, algo delimitado pelo mundo. Se há um desejo de continuidade das coisas umas nas outras na obra de Nuno Ramos, se entre elementos díspares há um enlace que une diferenças, essa continuidade buscada não é do tipo que unificaria a arte e o mundo ou a arte e a vida. Para Nuno Ramos, a arte, de início, se diferencia do mundo. Esse limite básico, e que nunca é abolido por Nuno, não o impede, porém, de caminhar por meio dele, de buscar, a partir da arte, uma continuidade poética em direção ao mundo. As formas que saltam do quadro são mesmo essa busca, mas perderiam força se não tivessem o contraponto da base retangular que as sustenta. Não se enovelariam numa promessa de união de seus fragmentos se a base em que estão dispostas não tivesse o repouso tranquilo e assegurado da convenção tradicional, e quase natural, do quadro como um retângulo.

**Título** O caminho dos limites  
**Data** 2011  
**Publicação** TASSINARI, A. *Nuno Ramos*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2011.

**Autor** Alberto Tassinari  
**Artista** Nuno Ramos

---

Dar continuidade ao descontínuo, ao limitado, é o modo como a obra de Nuno Ramos trabalha com suas partes ou, ainda, com seus fragmentos. Que essa continuidade seja de ordem poética e não real é algo que desafia Nuno Ramos e é, ao mesmo tempo, aceito por ele. O mundo que sua obra exala é da ordem do encantamento, mas de um encanto posto pelas obras. Procura meios que nos façam acreditar que entre a obra e o mundo não haja uma separação nítida, embora sempre haja. Diante desses quadros que avançam hastes, tecidos coloridos, espelhos, sente-se algo como uma floresta em que se penetra com cuidado, na espreita de maravilhas, de um mundo outro recolhido nos esconderijos do próprio mundo. A resposta de Nuno Ramos aos limites da arte, e sem os quais ela não existe, é transformá-la em fábula, parábola. Se há burros de carne e osso em uma de suas instalações, se a arte e a vida parecem então uma só coisa, isso só é possível porque burrinhos são equinos já pelo homem transfigurados, meio que arredondados. São seres de histórias excepcionais, desde a fuga da Sagrada Família para o Egito até o burro que ao se aposentar resolve ser músico, na história dos músicos de Bremen. Além disso, são burros fora de lugar, num espaço de exposição. E se tornam, assim, meio irrealis diante da situação em que se encontram. No entanto, continuam sendo burros. Assim como é chuva a água que cai incessante e dispersa sobre uma grande poça em outra de suas instalações. Chuva que chove só dentro, e não fora, de um espaço, chuva artificial, portanto, mas que não deixa de ser, com grande exatidão, uma réplica de chuva. Mas se é com a morte, e a morte injusta, que o artista depara, outras serão as réplicas. É assim que para cada um dos 111 mortos na invasão do Carandiru, o artista dispôs, num espaço carregado de cerimônias, um paralelepípedo de calçamento de rua revestido de breu e piche. A esses duplos de pedra dos mortos, espalhados num espaço em que se caminha perto a uma cruz torta e mambembe,

<b>Título</b>	O caminho dos limites	<b>Autor</b>	Alberto Tassinari
<b>Data</b>	2011	<b>Artista</b>	Nuno Ramos
<b>Publicação</b>	TASSINARI, A. <i>Nuno Ramos</i> . Rio de Janeiro: Cobogó, 2011.		

---

espaço de luto, aquietado, rituais quase religiosos são acrescentados e aglutinados pelo artista para regenerar, pela arte, e apenas quanto ela pode, vidas que foram injustamente ceifadas. Regenerar o destruído, dar outra vida ao que já não é mais, uma outra vida apenas poética, mas mesmo assim uma vida, rejuntar fragmentos, alguns deles arruinados, e no fim alcançar uma unidade em que os pedaços fluem uns nos outros nutridos pela fantasia, por uma comunhão de todas as coisas, esse é o resultado sempre buscado nas obras de Nuno Ramos. O que, de um modo sucinto, pode ser chamado uma poética do encantamento, pois exercem um fascínio que só aquilo que é da ordem do fabuloso, do que se dá como uma proeza, pode engendrar, dando continuidade ao descontínuo, unindo o não unificável, como se a confusão entre alhos e bugalhos fosse um disfarce necessário e anterior à distinção.

As primeiras obras em que esta poética do encantamento é alcançada são as pinturas de 1988. Nelas, o artista ainda trabalha bem próximo da superfície do retângulo que as delimita. A busca pela continuidade no que é descontínuo, que gera uma impressão de fluidez entre as partes, uma impressão de coisas que se reviram em outras, surge nesses quadros – diferentemente dos posteriores, em que os fragmentos avançam para fora – pela tentativa de transportar para as obras os gestos que as engendraram. É necessário, para tal, que o quadro seja opaco, que não tenha uma profundidade onde os gestos se perderiam, mas que seja antes uma espécie de tablado no qual o pintor trabalha. E um quadro, assim visto, chegou a Nuno Ramos quando passou, por volta de 1984, a participar do ateliê Casa 7, antes já formado por Carlito Carvalhosa, Fabio Miguez, Paulo Monteiro e Rodrigo Andrade. Embora pintassem sob a influência do que então se chamou a “volta à pintura”, o papel *kraft* que tinham como suporte e o esmalte sintético como veículo dos pigmentos já indicavam uma opacidade do plano pictórico que as pinturas que então realizaram, mesmo figurativas, evidenciavam. Diante de um plano opaco, sem nada mais do que tintas e mãos a intermediarem suas ações, Nuno se pôs, em 1988, diante da tarefa impossível, e inspirada

**Título** O caminho dos limites  
**Data** 2011  
**Publicação** TASSINARI, A. *Nuno Ramos*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2011.

**Autor** Alberto Tassinari  
**Artista** Nuno Ramos

---

pelo expressionismo abstrato, pelos grandes *drippings* de Pollock, de transpor seus gestos inteiramente para os quadros. Não se tratava de repetir a experiência de Pollock ou de seus contemporâneos, mas de encontrar uma equivalente e de diferente feição. Tarefa impossível, pois, em Pollock ou qualquer outro, entre a obra feita e seu fazer há um hiato, uma descontinuidade, intransponível. Se um quadro de Pollock pode proporcionar a impressão da dança ritmada que os gerou, essa impressão, e não os gestos mesmos que geraram a obra, é bem a prova de que uma coisa é o fazer da obra e outra seu feito, seu produto. Essa descontinuidade – que é imperativa na arte, ou então ela se torna ação, prática, confundindo-se com a vida e não realizando seu produto – é em tudo sabida e respeitada por essas pinturas de Nuno Ramos. Já testar seus limites, ver aonde isso vai dar, com as mãos carregadas de tintas, como uma espécie de pintor primevo tendo diante de si apenas o retângulo do quadro, é algo que Nuno almejou e conquistou com todos os fracassos a que a empreitada estava fadada. Transportar para o quadro os gestos que o engendraram exige que eles sejam de algum modo registrados, que sejam sinais desses mesmos gestos. Entre os sinais e o que indicam, porém, há também uma descontinuidade. Se a mão escorrega sobre o quadro, haverá o sinal desse deslizar e não o deslizar propriamente dito. Se a mão apenas dispõe a tinta, nada assinalará de um gesto. O que há de inovador nesses quadros de então é que os gestos se transportam para o quadro já sabedores da tarefa que não cumprirão. Como um alpinista que escala ao mesmo tempo em que escorrega, não se vai longe. E o que se vê são gestos quebradiços, meio que esfarelados, que traduzem a impossibilidade de serem inteiriços. Mas inteiro e contínuo se mostra, então, o preenchimento do quadro. Arranhado aqui, empelotado ali, ele surge como cenário daquilo que não se cumpre de todo, mas apenas quanto se pode, com sinais confusos de gestos que ainda tremulam nele, formando um tecido de promessas meio fantasmagórico, onde, um pouco como na obra-prima inacabada de Frenhofer, uma mão de repente poderia saltar.

**Título** O caminho dos limites  
**Data** 2011  
**Publicação** TASSINARI, A. *Nuno Ramos*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2011.

**Autor** Alberto Tassinari  
**Artista** Nuno Ramos

## 2

É difícil saber o que conta mais numa trajetória artística, se os desígnios do artista ou o movimento autônomo que uma obra cria a partir de certo ponto e que puxa o artista em direção a rumos que ele abraça, mas sem saber mais ao certo os motivos. Desde o início, e independentemente da intensidade estética alcançada em cada uma de suas obras, a trajetória de Nuno Ramos mostra uma ambição artística rara na arte contemporânea. Se, passados 25 anos, sua obra parece mover-se e avolumar-se como que por si mesma, isso mostra uma decisão inequívoca pela grandeza artística – como se vê desde 1985 em suas pinturas que prefiguram as de 1988, passando por suas primeiras esculturas e instalações, ou, *grosso modo*, desde a primeira metade de sua obra, a que vai até 1997. Não apenas na trajetória de pintor, mas também em esculturas, instalações e textos, Nuno busca sempre, se assim pode ser dito, o máximo de arte que a arte pode dar. O que constituiria apenas um tema psicológico se esta trajetória não tivesse mostrado momentos à altura de suas ambições e, sobretudo, se esses momentos não fossem uma resposta histórica à condição mediana da arte contemporânea, se comparada com a da arte moderna. Se na sua segunda metade a obra de Nuno possui uma dinâmica mais interna e automovente, a primeira indica uma decisão e uma aposta na diversidade e na grandeza da arte mesmo em tempos difíceis para a grande arte. E basta a exposição *III*, de 1992, para evidenciar que o risco foi jogado e conquistado, que toda a sua experiência como pintor e escultor até a ocasião foi por ele revitalizada e ampliada. Há poucas obras na arte contemporânea com a intensidade poética e a convicção ética de *III*. Se antes suas pinturas, em especial, mas também esculturas e instalações, já mostravam o alcance estético que almejavam, *III* surge como um ponto de virada em que sua obra passa a solicitar mais o artista do que o inverso – a induzi-lo por erros e acertos, num caminho quase sem volta, a exigir sempre novas conquistas, novos limites com os quais se medir, negar, aceitar, contrastar –, tendo, poeticamente, que pôr tudo isso em comunicação.

**Título** O caminho dos limites  
**Data** 2011  
**Publicação** TASSINARI, A. *Nuno Ramos*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2011.

**Autor** Alberto Tassinari  
**Artista** Nuno Ramos

---

Se é pelos limites impostos pela própria arte que a trajetória de Nuno se constitui, a sua concepção da arte e, portanto, de seus limites tornou-se cada vez mais variada com o decorrer dos anos. Não se tratou mais apenas de confrontar diferentes modos de realizar uma pintura diante do retângulo de base do quadro. Ou de, diante do material tradicional da escultura, o mármore, engastalar em peças quase brutas elementos de vidro e, dentro desses, elementos líquidos. A conjugação de líquidos e sólidos é essencial em quase todas as esculturas e instalações de Nuno Ramos. E aqui, como nos quadros, a um suporte tradicional vem juntar-se algo de outra natureza, como se os líquidos continuassem os sólidos e abolissem a diferença entre eles na continuidade de uma individuação poética mais convincente que a mera disparidade dos materiais empregados na escultura ou instalação. Disparidade, porém, que vive das diferentes e quase não manipuláveis matérias com que lida e que vem desde seus quadros de 1988. A esses contrastes, em que os diferentes materiais jogam um peso decisivo na individuação problemática das obras, Nuno foi acrescentando aos poucos a matéria mais sutil da escrita. Depois dessa, falas e cantos gravados. A descontinuidade a lidar, e a unir, passa a ser, então, entre elementos visíveis que reproduzem sons (a escrita) ou entre o visível e o audível. Montadas para uma única obra ou, muitas vezes, para um conjunto de obras que formam uma exposição maior com pinturas, desenhos, esculturas e instalações, as gravações de textos, já eles mesmos testadores dos limites de sentido da linguagem falada, acarretam espécies de obras de arte totais mas dispartadas, nas quais o esforço de tudo aglutinar feito pelo espectador acaba por revelar que não há como tudo unir de um modo orgânico. São conjuntos de obras que exigiriam uma descrição complexa. Numa breve apresentação, talvez importe mais salientar a ampliação dos limites a que Nuno se propôs, com a aceitação permanente de cada gênero artístico que mobiliza, mas, ao mesmo tempo, com a tentativa de unir artisticamente os limites que cada gênero de arte impõe numa unidade mais ampla.

**Título** O caminho dos limites  
**Data** 2011  
**Publicação** TASSINARI, A. *Nuno Ramos*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2011.

**Autor** Alberto Tassinari  
**Artista** Nuno Ramos

---

Além dos limites de cada gênero de arte e da conjunção entre eles, Nuno Ramos, na posse de uma poética forte, pode testar constantemente também os limites da influência de obras de outros artistas. De vários modos, tira proveito do que outras obras lhe sugerem. O contraste produtivo mais claro talvez seja o que teve com a obra de Frank Stella. Suas pinturas de 1989, ainda bastante rasas embora magníficas, passam a avançar pelo espaço depois de um diálogo com a obra de Stella. Porém, o que em Stella é mais gráfico e mais complexo, em Nuno é mais pictórico e mais simplificado. A aparência de seus quadros muda, mas sua poética se mantém. E se o diálogo com Stella foi deliberado, outros diálogos surgem mesmo apenas depois da obra pronta. É que a vasta gama de materiais e formas que emprega possui sua fonte em Beuys, na *arte povera* e no pós-minimalismo, assim como na leitura que deles fizeram artistas brasileiros de uma geração anterior à sua, como José Resende, Cildo Meireles e Tunga. Que uma obra como *Matacão* lembre as de Michael Heizer, por ser feita de pedras enterradas em diversas alturas, não é de espantar. Contudo, indo além dessa primeira aparência, um olhar mais detido assinalará que os contornos irregulares das pedras são replicados de forma aproximada pelos contornos das valas em que se encontram, como se as pedras nascessem do solo, de um solo vivo, fabulador. Infelizmente, a obra encontra-se destruída. Outras obras de Nuno também foram destruídas ou modificadas pela ação do tempo. A confiança em sua poética, que não o faz temer semelhanças com obras de outros artistas, também responde pela precariedade de algumas de suas obras. Suas escolhas de materiais, ditadas por motivações poéticas, não dão nenhuma preferência ao que resultaria em obras efêmeras. Mas tampouco procuram alguma perenidade. É assim que seus primeiros quadros perderam muito a cor e que algumas de suas obras ao ar livre não resistem bem ao tempo. Além disso, há obras que foram feitas para uma única ocasião. Diferentemente de outras instalações mais genéricas, elas de fato foram instalações, e duraram apenas enquanto o espaço que as acolheu durou, como é o caso de *Mácula* ou da montagem de *Craca* na Bienal de Veneza. Boa parte de seus quadros e esculturas, se bem conservados, está intacta, e suas obras mais especializadas – instalações

**Título** O caminho dos limites  
**Data** 2011  
**Publicação** TASSINARI, A. *Nuno Ramos*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2011.

**Autor** Alberto Tassinari  
**Artista** Nuno Ramos

num sentido mais amplo – são remontáveis. Seja em relação a influências, seja em relação à permanência física, as obras de Nuno Ramos se deixam impregnar pelo tempo, histórico ou físico. Sua poética não é indiferente à invenção ou à durabilidade, mas tampouco se norteia por elas. O artista testa a arte também por esses limites, e no cuidado do ver e do guardar pelos outros confia, em parte, o destino de suas obras. Há um risco aqui, mas não como uma intenção deliberada. E se há risco, mas não uma destruição necessária a que nenhuma obra no mundo escaparia, esse é o último limite que o artista põe em causa e que depende, aqui, de uma continuidade que que há de se cumprir, ou não, da obra para o público e para quem delas cuida.

A precariedade de muitas obras de Nuno Ramos – sua escolha por materiais conflitantes com os materiais perenes, sua escolha por líquidos, matérias viscosas ou empastadas – o aproximaria de Hélio Oiticica, o artista brasileiro que é, sem dúvida, sua grande referência. Em Hélio Oiticica, porém, a precariedade que acabou impregnando sua trajetória e posição diante da arte é muito diferente da de Nuno. Hélio, como Lygia Clark, via no fim da pintura moderna o fim da pintura em geral. Não sendo mais possível pintar, a interioridade perdida que a pintura moderna ainda possuía é transposta por Hélio Oiticica para as cavidades de seus relevos espaciais, depois para os bólides, as caixas que convidavam os espectadores a revolvê-las e, finalmente, para instalações que pediam a entrada dos espectadores. Esses interiores espacializados, mas ainda assim interiores, numa espécie de contrapintura, desembocaram, enfim, na união entre arte e vida, nos interiores em que ele mesmo vivia. E como essa união – se não for ato de um artista e contiver apenas a experiência estética que a todos é dada – não une arte e vida, pois é ela mesma já parte da vida, então, no caso de um artista, a diferença acaba por vir pela estetização de sua própria vida. Esse é o antigo tema do dandismo, inerente e tantas vezes produtivo na história da arte moderna, levado, aqui, às últimas consequências. Em Nuno Ramos, porém, de dandismo não há nada. Nem tampouco de união entre arte e vida. Se algo o aproxima de Hélio Oiticica é a ambição por uma arte que se deseja grande e não teme testar seus limites. Em Hélio, contudo, testar os limites da arte,



**Título** O caminho dos limites  
**Data** 2011  
**Publicação** TASSINARI, A. *Nuno Ramos*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2011.

**Autor** Alberto Tassinari  
**Artista** Nuno Ramos

---

da pintura em especial, era contrariá-la e até mesmo contrabandeá-la a outro gênero, como a música, por exemplo. Em Nuno, ao contrário, não há um teste dos limites da arte além de cada gênero. É a ambição estética sem repressões que Nuno busca em Hélio Oiticica e que seria difícil perceber em sua obra sem a antecedência histórica de Hélio, revista por Nuno.

Nuno Ramos, por outro lado, é de uma época em que a pintura contemporânea, seja a pop, a minimalista, ou a de tantos outros movimentos, já se encontrava consolidada. Se ao testar seus limites abriu caminho tanto para seus quadros (que estão entre o que há de melhor da produção pictórica dos últimos vinte anos) como para outros gêneros artísticos, nunca o fez de modo que um gênero abolisse o outro ou que a arte se pretendesse a própria vida. A admiração de Nuno pelos artistas dele contemporâneos, sejam pintores ou escultores, não é menor do que a ambição que destinou ao seu projeto. Lendo seus ensaios sobre arte, e muitos deles sobre artistas próximos, chega-se mesmo a pensar que admira mais as obras desses do que a própria. Fato que, vindo de Nuno, de sua índole contestadora mas temperada, não seria em nada surpreendente. Questão que não faz muito sentido, apesar de bem pensada. Nuno Ramos mede as potências da arte porque, salvo engano, sua obra não pode mais poupá-lo de ser o que ela é. Que tenha se embrenhado destemido com a experiência dos limites da arte, e com o encantamento ingênuo que espera ver daí brotar, talvez seja uma contradição numa personalidade tão acordada consigo mesma. Ou não. Para andar beirando perigos e brincar com fogo, que se escolha o espírito mais sereno.

Serenidade que bem se percebe em seus sambas, pois Nuno é também compositor. Nas suas canções não há propriamente contravenção estética. Seu paradigma, e sobre o qual tão bem escreveu, é Paulinho da Viola, o elo mais ligado ao samba tradicional de nossa canção contemporânea. E se pensarmos que Hélio Oiticica via no samba um elemento transgressor das artes plásticas, ainda que por uma mudança arbitrária de gêneros, com seus parangolés feitos para ver, mas também para vestir e dançar, inquieta que ambos os artistas caibam no *paideuma* de Nuno Ramos. É que a canção brasileira, e o samba em particular, é algo, no Brasil, não apenas de grande

<b>Título</b>	O caminho dos limites	<b>Autor</b>	Alberto Tassinari
<b>Data</b>	2011	<b>Artista</b>	Nuno Ramos
<b>Publicação</b>	TASSINARI, A. <i>Nuno Ramos</i> . Rio de Janeiro: Cobogó, 2011.		

---

visibilidade e dimensão pública – diferentemente de outras artes, algo que não deve nada a outras correntes da canção moderna, nem mesmo às canções norte-americanas, e que só nelas encontra igual criatividade –, como também algo produzido pelo povo no seu sentido mais pleno, não populista. Para usar de termos políticos, num sentido soberano, emancipado, o pobre canta, e se dá essa licença, versos que só Shakespeare ousaria, no que têm de óbvio e grande ao mesmo tempo. Quem ainda poderia dizer “as rosas exalam o perfume que roubam de ti” sem ser *kitsch*, a não ser uma canção brasileira ou um sonetista dos Seiscentos? Assim, no samba, não há nada a testar, pois nele não somos nunca aquém de nós mesmos, somos livres, incomparáveis, sem nenhuma autoridade exterior, estética ou ética – o escravo, ser periférico, torna-se, na canção, o senhor. Já onde não somos de todo o que poderíamos ter sido, Nuno trabalha e alia, seja pelo exagero estilístico à Euclides da Cunha, seja pelo anarquismo estilístico à Machado de Assis, essas duas tradições de brasilidade torta – porque, em seu lugar, certo como o sol nascerá, só o samba está. A primeira dessas tradições prossegue pelas veredas de Oswald de Andrade, Gilberto Freyre, Nelson Rodrigues, Guimarães Rosa, José Celso, Glauber Rocha e o próprio Hélio Oiticica, para ficar apenas em alguns mais célebres; a segunda, cuja fleuma anárquica é mais rara, é a que vive em Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Niemeyer, nos poetas concretos, em João Cabral, na bossa nova, no tropicalismo musical. No centro desse pêndulo está nosso artista, como dizer?, central: Drummond. Tivéssemos um Drummond nas artes plásticas (e o candidato aqui seria Volpi, se pintor, ou Amilcar de Castro, se escultor) e a obra de Nuno teria sido outra, pois ela é inteiramente voltada para nosso déficit criativo (e também para o que se mostra dele nas ciências ou nas humanidades). Incorpora-o, dele perde e dele ganha, quanto der, num metabolismo em tudo imbuído de uma certa missão social, embora pareça uma obra tão idiossincrática. Faz assim de sua trajetória a aventura mais aberta e generosa de nossas artes plásticas, com seus mais belos quadros se assemelhando, com certa intenção, parece-me, a carnavais, a carros alegóricos, a Pollocks que gostaria de ver brotar do morro. Ainda houvesse morro. Ainda houvesse Pollocks. Quem sabe.